



**Medo.** sm. 1. Sentimento de viva inquietação ante a noção de perigo real ou imaginário, de ameaça; pavor, temor. 2. Apreensão, receio.

Fitando a célebre tela “O Grito”<sup>1</sup>, suscitamos claramente as noções de angústia, agonia, fobia, pânico, terror, aflição etc. Todas as sociedades se caracterizam por suas formas de organização, contradições e temores. Desde que o mundo é mundo os seres humanos sentem medo, o que se transforma é a maneira com a qual percebemos esse medo, a sua intensidade e o objeto que se nos causa o temor.

É logo na infância que nos deparamos com a dimensão traumática e incalculável do medo, que é o momento de nossa jornada no qual somos atirados rumo a todo um desconhecido mundo de possibilidades ainda inexplorado pelo indivíduo. Alguns desses primórdios temores se nos são passados em caráter de punição à indisciplina, como os mitos do “homem do saco” e do “bicho papão”, numa explícita forma coercitiva de educar as crianças através de assustadoras lendas infantis oriundas do senso comum. O mesmo processo coercitivo faz-se presente ao longo da vida dos sujeitos, uma vez que a consciência coletiva<sup>2</sup> nos intimida constantemente, impondo-nos a subserviência de seguir suas normas sociais (trabalhar, casar, reproduzir etc), sob pena de cairmos no peso dos onipresentes mecanismos coerção social<sup>3</sup>.

Volvendo no tempo, até o período do Império Romano, concluiremos que o principal dos medos não era necessariamente o da morte. Pelo contrário, os cavaleiros encaravam-na, atiravam-se nas batalhas dispostos a perderem suas vidas se fosse preciso, almejando um objetivo maior, como defender seu povo, construir um nome e honrar suas origens. O medo daquela época se baseava bem mais em perder a reputação

---

<sup>1</sup> Edvard Munch, 1893.

<sup>2</sup> Conceito extraído do sociólogo Emile Durkheim.

<sup>3</sup> Ibidem.

via acovardamento. Portanto, um homem (sujeito individual, único, com suas idiossincrasias) deveria honrar sua qualidade de homem (gênero), e, se fosse preciso, perderia a vida para tal. Resumindo: seu caráter deveria ser preservado a qualquer custo.

Avançando à época da sociedade de corte<sup>4</sup>, já nos depararemos com um quadro distinto, embora a deteriorização da honra tenha permanecido no imaginário como um terrível estigma<sup>5</sup>, isto é, uma marca com a qual o indivíduo teria de carregar consigo, independentemente de sua vontade, por décadas, quiçá pelo restante de sua vida. Entretanto, o central dos medos era o de ser banido do meio social, especialmente àqueles que tinham ingresso à corte real. Ser rebaixado, deportado do clã da nata social, era sinônimo de cair em desgraça. Se o soberano lhe inferiorasse, menosprezando-o, automaticamente todos os membros da corte também o fariam, tratando-o com desprezo, aversão ou repulsa; na outra ponta, se o rei elevasse-lhe a consideração que lhe preza, instantaneamente o mesmo seria feito pelos outros cidadãos da corte. Em outras palavras, o medo estava em perder o acesso à corte, mantendo-se de permeio, se preciso, à base de bajulação, conquanto atentava-se também em votar a devida atenção, ou não, aos demais populares.

A passagem da sociedade de corte, para a sociedade moderna, aposentou a chamada “política da espada”, o *ethos* guerreiro, suprimindo-a por uma “política de diplomacia”, o *ethos* moderno<sup>6</sup>. Isto é, valorizaram-se as faculdades da palavra nas relações interpessoais, não mais o manejo da espada. Assim, as batalhas físicas foram substituídas pelas conversas, os duelos nas arenas pelas mesas de negociações. O ser humano atravessou um processo de refinamento, abolindo práticas que, por *Habitus*<sup>7</sup>, já naturalizamos como vulgares, atípicas ou obsoletas. Dessa forma, acentuou-se o poder da ridicularização. O “falar por trás”, o “disse que disse”, as “más línguas”, o “bigodinho vae dizer”<sup>8</sup> operam incessantemente difundindo fatos sobre a vida de outrem, através de fofocas<sup>9</sup>, não em raras exceções agravos e injúrias. A coisa pode vir a ganhar tal dimensão e força que, mesmo sendo a informação uma calúnia, pelo tempo

<sup>4</sup> Conceito extraído do sociólogo Norbert Elias.

<sup>5</sup> Termo que serviu de objeto de estudo a Erving Goffman.

<sup>6</sup> Ethos guerreiro e moderno: expressões trabalhadas pelo sociólogo Norbert Elias.

<sup>7</sup> Conceito extraído do sociólogo Norbert Elias, também utilizado por Pierre Bourdieu.

<sup>8</sup> Nome de uma coluna no extinto periódico *Pathé Journal*, que circulou no início do século XX na cidade de Manaus.

<sup>9</sup> Objeto de estudo do sociólogo Norbert Elias.

e a quantidade de orelhas pelas quais correu, facilmente se transformará em um estigma<sup>10</sup>.

Nas sociedades modernas, por fim, até aproximadamente a primeira metade do século XIX, o medo se quedava na natureza - no bosque, na mata, na selva. Lá era o local do perigo, a morada do “lobo mau”, prestes a atacar àqueles que se dispusessem a encará-lo, bem como vemos no livro “Frankenstein”<sup>11</sup>, no qual o monstro, assim que foge do alcance de seu criador, encontra abrigo numa floresta. Imaginário análogo de pavor, em ambientes considerados remotos, persistiu, todavia, por um longo período histórico, tal qual averiguamos em “O Cão dos Baskervilles – Uma Aventura de Sherlock Holmes”<sup>12</sup>, história de terror, na qual a lenda de um cão maligno, cujo habitat era o pântano, aterrorizava os moradores da cidade de Dartmoor. Já na segunda metade do século XIX, houve um drástico câmbio no imaginário acerca do medo. Partindo-se de “O Médico e o Monstro”<sup>13</sup>, o medo e o perigo encontravam-se dentro de nós mesmos. A bipolaridade de valores está impregnada em nosso cerne: o bem e o mal, o bom e o ruim, a pureza e a devassidão, a benevolência e a perversidade, a contenção e o extravasamento... embasados nesses pressupostos, tínhamos que temer não apenas aquilo que nos vinha do exterior, como também aquilo que emanava de nós mesmos, o que vem a ser um gigantesco exercício de autocontrole, certamente o ponto fraco do Dr. Jackyll, uma vez que se viu tentado em várias passagens a tomar de sua poção.

Na contemporaneidade, o medo se complexificou ainda mais. A vida se tornou acelerada, intensa, apressada<sup>14</sup>. Ninguém tem tempo para nada, todos sempre a correr, com prazos a cumprir, trabalhos a entregar em ritmo industrial, deslocamentos cada vez maiores e mais intrincados. Um dos grandes medos passou a ser o de “não ter voz”, o de “não ser ouvido”, o de “ser” e não “aparecer”, desencadeando uma espécie de “tirania da visibilidade”<sup>15</sup>. Emmanuel Carrère demonstrou-o em sua impressionante narrativa “O Bigode”, de 1985. No romance, o protagonista sequer dispõe de um nome, sendo apontado por “você” pelos demais personagens e “ele” pelo narrador. O conto discorre a história desse sujeito, casado há anos com uma mulher chamada Agnes, empregado de um escritório de arquitetura há dois anos, e que usava bigode há longas primaveras. Certo dia, para lhe fazer uma surpresa à esposa, o mesmo decide raspar o bigode. Mal

---

<sup>10</sup> Ibidem.

<sup>11</sup> Mary Shelley, 1818.

<sup>12</sup> Sir Arthur Conan Doyle, 1902.

<sup>13</sup> Robert Louis Steverson, 1886.

<sup>14</sup> Para aprofundar, ver mais em “O fenômeno urbano”, livro do sociólogo G. Simmel.

<sup>15</sup> Conceito do sociólogo Richard Sennett.

sabia que seria literalmente a ruína de sua estabilizada e confortável vida. Horas se passaram e ninguém lhe havia feito um comentário sequer a respeito do novo visual. À noite, amargurado e irritado, contestou-lhe à esposa, obtendo como réplica um “você nunca teve bigode”. A partir de então, o personagem, pouco a pouco, fora perdendo todas as suas referências temporais e espaciais. Suas fotos misteriosamente desapareceram, os conhecidos negavam-lhe a existência do dito bigode, sua vida, por conta desse pequeno gesto banal e cotidiano – raspar o bigode-, converteu-se num imenso vazio de incertezas. Em momento de desespero extremo, passou-se por cego e pediu a uma transeunte que lhe descrevesse como era a pessoa na foto da própria identidade. Aprofundado em sua agonia, encontrou-se numa pseudovida<sup>16</sup> a partir de viagens de barca em Hong Kong. Aquele era o único lugar onde se sentia existindo como pessoa, onde desempenhava uma função, ainda que fosse apenas a de embarcar e desembarcar repetidamente na travessia pela embarcação. Mais perturbador ainda fora o término da novela, ao surgir inesperadamente Agnes na acomodação do hotel onde se hospedara o marido em Macau.

- Então – disse ela, ouvindo-o entrar -, você a comprou finalmente?

- O quê?

- Ora, a gravura...

- Não – respondeu com uma voz que lhe pareceu normal.

- O homem não quis baixar o preço?

Ela acendeu um cigarro e jogou a caixa de fósforos sobre a cama.

- É isso aí – disse ele com os olhos fixos no mar enquadrado pela janela.<sup>17</sup>

Na seqüência, definhando no caos do assombro de ter perdido a própria consciência, ademais do “zoneamento” de todos os parâmetros de sua vida, aterrorizado com a hipótese de ter atravessado anos sem ser notado pelos que o rodeavam, e por vezes questionando-se se tinha ou não bigode, o personagem, à beira da esquizofrenia, preferiu abolir-se da existência humana, suicidando-se. Como diz Sennett, “o eu de cada um tornou-se o seu próprio fardo; conhecer-se a si mesmo tornou-se uma finalidade do que um meio através do qual se conhece o mundo”<sup>18</sup>. Ou seja, bem esclarecedor se torna este trecho ao pararmos para pensar, sob o viés metafórico, na

---

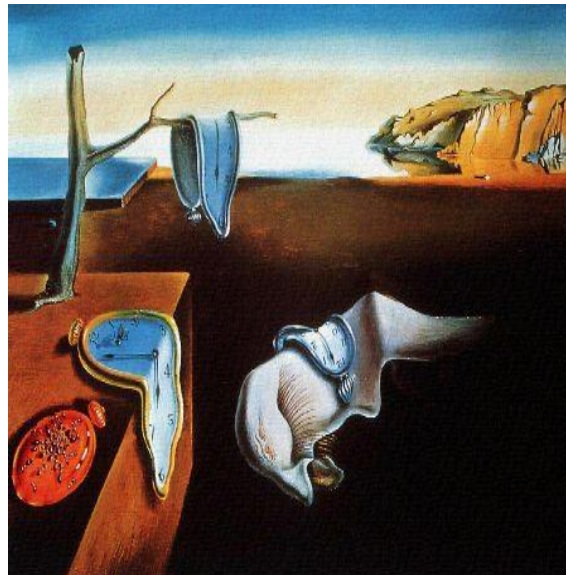
<sup>16</sup> Conceito extraído do livro Vida, o filme, de Neal Gabler.

<sup>17</sup> Emmanuel Carrère. Bigode, O. Editora Rocco, Rio de Janeiro; 2002:136.

<sup>18</sup> Richard Sennett, no livro “O declínio do homem público – As tiranias da intimidade”.

aflitiva desconstrução vivida pelo personagem, já que experimentamos processo semelhante rotineiramente: na era do “tudo é temporário”<sup>19</sup>, os valores simplesmente caem em desuso, tornam-se ultrapassados, fatalmente motivando uma das maiores e mais constantes indagações da contemporaneidade: “O que é real? O que está correto? Em que devemos nos embasar? Qual o sentido da vida?” etc, numa berrante demonstração de total perda de referências e valores como jamais se viu ao largo da História. Nas palavras de Anthony Giddens, “nenhum conhecimento sob as condições da modernidade é conhecimento no sentido ‘antigo’, em que ‘conhecer’ é estar certo”<sup>20</sup>.

“A Persistência da Memória”,  
de Salvador Dali. Tela surrealista,  
datada de 1931, que conota a  
conturbada relação entre tempo e  
memória, fora a fluidez dos mesmos,  
comprovado pelo “derretimento” das  
imagens. Representativa da aflição  
exposta em “O Bigode” e dos sujeitos  
contemporâneos.



Outros tantos temores foram tecidos e descritos pelos literários em suas obras, tais como a fobia de envelhecer (gerascofobia) em “O Retrato de Dorian Gray”<sup>21</sup>; os sonhos de uma menina que se converteram em frustração e pesadelo ao verem-se realizados em “Alice no País das Maravilhas”<sup>22</sup>, e em sua continuação, “Alice no País dos Espelhos”<sup>23</sup>; a sensação de estar sempre padecendo de alguma moléstia e a compulsão por medicinas (hipocondria) delineada na peça “O Doente Imaginário”<sup>24</sup>; o

<sup>19</sup> Bauman, em entrevista publicada no portal Tempo Social: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702004000100015&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702004000100015&script=sci_arttext)

<sup>20</sup> Giddens, Anthony. As conseqüências da modernidade. 1991:46.

<sup>21</sup> Oscar Wilde, 1891.

<sup>22</sup> Lewis Carrooll, 1865.

<sup>23</sup> Ibidem, 1871.

<sup>24</sup> Molière, 1673.

medo da loucura (lissofobia) em “O Alienista”<sup>25</sup>; os problemas de interiorização psicológica nas crônicas de Clarice Lispector etc. Há, entretanto, outros formatos de produções artísticas que são bem elucidativas das fobias modernas. Por exemplo, “O Corte”<sup>26</sup>, película belga-espanhola, cujo enredo expõe a história de Bruno Davert, um pai de família desempregado há dois anos, que assiste ao desmoronamento dos preceitos de seu núcleo familiar, e, no ápice de sua desesperança, principia a assassinar os seus concorrentes a uma vaga de emprego. Apocalipticamente, o final do longa ainda nos sugere que o Bruno pode vir a ser vítima de sua própria estratégia, evidenciando que os temores não só são compartilhados socialmente entre os indivíduos, como também suas estratégias de libertação e resolução dos mesmos.

Nitidamente um dos medos desse personagem era o de ficar sobrando no mercado de trabalho, conseqüentemente de ser banido do acesso ao consumo. O temor que os sujeitos têm de se verem desterrados do mundo dos “turistas”, diretamente para o mundo dos “vagabundos”<sup>27</sup>. O chocante documentário “The Corporation”<sup>28</sup> (em português, A Filosofia da Corporação) nos traça um dinâmico quadro de como se orientam as políticas e estratégias das grandes multinacionais globais: absoluta desregulação das relações trabalhistas, volatilização não apenas do capital, como também das instalações dos meios de produção, despreocupação com o meio ambiente, com a saúde pública etc. Num dos trechos mais escandalosos, o filme nos mostra que a mesma marca que explora mão-de-obra de crianças e adolescentes em países pobres, na linha produtiva, pagando míseros centavos de dólares por hora aos empregados, estampa na etiqueta de suas peças, de centenas de dólares, que parte das vendas são investidas em programas de amparo e auxílio a jovens desprovidos em países carentes.

Atualmente, o espetáculo<sup>29</sup> da mercadoria, sua fetichização<sup>30</sup>, é demasiadamente gigante. Num mundo onde tudo é líquido e fluido<sup>31</sup>, o encanto que os indivíduos têm diante de um produto, a vontade incessante de tê-lo, o prazer de comprá-lo, de poder consumi-lo, usufruí-lo em benefício próprio, acaba falando mais alto do que qualquer questão social, ofuscando os debates sobre a dominação burguesa. A marca, na pós-

---

<sup>25</sup> Machado de Assis, 1881.

<sup>26</sup> Produzido em 2005, sob a direção de Constantin Costa-Gavras.

<sup>27</sup> Metáfora criada pelo sociólogo Zygmunt Bauman.

<sup>28</sup> Documentário canadense, de 2003, dirigido por Jennifer Abbott e Mark Achbar.

<sup>29</sup> Conceito extraído do filósofo Guy Debord.

<sup>30</sup> Conceito extraído do sociólogo Karl Marx.

<sup>31</sup> Conceitos elaborados pelo sociólogo Bauman.

modernidade<sup>32</sup>, parece ser mais sólida, rígida, visível e palpável que os processos de produção da mercadoria. Os consumidores insaciáveis, ávidos por uma novidade, por poderem satisfazer a um desejo, não abrem mão do status, da distinção<sup>33</sup>, do poder de aparecer usando tal produto de tal grife. Dito processo é indescritível àqueles que se deixam seduzir pelo fascinante domínio que exercem as marcas e seu símbolos, um dos principais mecanismos de distinção social. Todavia, a satisfação imediatamente passa, e, portanto, logo se é preciso criar um novo desejo a ser satisfeito – e nisso a publicidade têm demonstrado sua indiscutível eficácia, formando a ciranda consumista que, como sujeitos modernos, nós bem conhecemos. Entretanto, não basta apenas “ter”, há que se saber “usar” o bem da forma apropriada, adequada aos momentos certos, do contrário, o indivíduo tornar-se-á vítima de comentários, caindo no ridículo, gerando um motivo de vergonha<sup>34</sup>.

E àqueles que não têm acesso à posse da mercadoria? E àqueles que são a “procura”, mas não a “demanda”? E àqueles que somente podem assistir aos comerciais onde “chegou a sua vez de comprar um carro zero”, ou “a hora de se mudar para o apartamento dos seus sonhos”, e por que não “a viagem da sua vida está ao alcance de suas mãos”? E àqueles que dependem da caridade, das políticas sociais implementadas pelo Estado? E àqueles que são excluídos, em outras palavras, os “vagabundos”? O que fazer com eles?

Aos “vagabundos”, restam-lhes, quase que exclusivamente, permanecer na torcida de arranjar um casamento com um “turista”, receber algum prêmio na loteria, ou ser “encontrado” por algum olheiro, despontando então no mundo do espetáculo (seja na moda, nos esportes, nas artes etc). Do contrário, é torcer para ser sorteado no “dia de princesa” do programa do Netinho. Entretanto, o glamour tem a duração limitada a apenas e tão somente um único dia: passeio de limusine, compras de roupas, sapatos e acessórios, tratamentos de beleza e estética..., como num sonho, no acordar do dia seguinte, tudo terá voltado a sua normalidade de plebéia.

Há pouco pudemos constatar uma das maiores contradições da sociedade contemporânea, com a tão falada crise econômica. O capital privado, que tanto defendia a redução do Estado, que tanto se dizia capaz de regular a economia, que tanto se julgava superior a qualquer trâmite de controle e fiscalização governamental, criou seu

---

<sup>32</sup> Conceito extraído do texto “Moderno e pós-moderno: definições e interpretações”.

<sup>33</sup> Conceito trabalhado pelo sociólogo Pierre Bourdieu.

<sup>34</sup> Idéia suscitada pelo sociólogo Norbert Elias.

próprio colapso ao edificar uma bola de neve especulativa<sup>35</sup>, contaminando o mundo com o vírus da bancarrota global, num perfeito exemplo de epidemia do pavor. Ao explodir a bolha, outrossim ruiu quicá a última das edificações que se acreditavam “o axioma” por excelência: a autoregulação da “mão invisível”. O resultado foi o prejuízo de grandes corporações em escala global, levando-as à margem do precipício da falência, reacendendo o assombro do desemprego e da recessão - embora, há quem sustente que a crise se desenvolveu mais intensamente no campo do “terror psicológico”, via mídia, do que na esfera da realidade. Por outro lado, já que “crise” também é sinônimo de “boas oportunidades de lucro”, alguns setores da economia, como não perdem o momento, trataram de embolsar mais e mais ganhos, reduzindo-se os gastos e a folha de pagamento.

Nesse meio tempo, o primeiro discurso salvador levantado era o de que a humanidade deveria se unir, manter seu consumo, para “atravessarmos todos juntos”, já que “unidos sairemos mais fortes”. Ora, resta saber a quem estão referindo com o “sairemos mais fortes”. Decisivamente e definitivamente não será o proletariado, o qual assiste a revoada em bando de seus benefícios trabalhistas e a “entrega a Deus” de suas - cada vez mais escassas - vagas de emprego formais, reduzidas ao extremo pelas políticas neoliberais implantadas no pós-comunismo. Conveniente como em plena máxima do Estado Mínimo, os grupos privados mendigaram subsídio estatal para não fecharem as portas, mesmo registrando lucros astronômicos, batendo recorde sobre recorde nos anos precedentes. Isso já seria contundente para elucidar as fraquezas do sistema capitalista, não obstante, ainda assim, os sujeitos, influenciados por toda uma onipotente estratégia ideológica de dominação, sequer questionaram a validade de se seguir com o regime capitalista, e levantar qualquer acusação contra tal sistema é ser “estigmatizado” de comunista.

É, sobretudo, nesses períodos de tensão, que podemos notar o quanto a vida anda desvalorizada, a ponto de sua importância ser avaliada pelo sucesso econômico do indivíduo. Assim, quando se está tudo bem a nível financeiro, e pode-se exibir modernos carros, desfilar por restaurantes da moda e usar grifes de renome, pode-se dizer que está tudo bem a nível pessoal; do contrário, se o indivíduo atravessa algum período de revés econômico, e tem que fazer contenção de gastos, a vida lhe parece perder parte do valor. Por conseguinte, ele se isola, esconde-se do que considera um

---

<sup>35</sup> Bem como prega a profética passagem de O Manifesto do Partido Comunista (Marx e Engles), “tudo o que é sólido se desmancha no ar”.

fracasso pessoal, uma frustração, um motivo de vergonha, o qual deve permanecer retraído, a sete chaves ocultado dos demais, escondido em seu âmago. Os sujeitos, nessas circunstâncias, via de regra, optam por manterem-se afastados do meio social a deixar que percebam seu empobrecimento, seu declínio financeiro. Em alguns casos, o indivíduo adota a drástica e extrema atitude do suicídio<sup>36</sup> (vide a Crise de 1929), já que se questiona sobre qual vem a ser o significado da vida estando banido do mundo consumista.



“Boneco”, pintura modernista do brasileiro Pancetti, datada de 1939. A imagem da solidão, do enclausuramento e isolamento. Por medo, negação da realidade, dos choques da vida adulta, muitos preferem se fechar em um mundo privado, imaginário ou não, renegando a vida em sociedade e o mundo exterior.

Apregoado no desânimo, alguns tantos têm encontrado como saída a virtualização da vida, seja criando perfis em páginas de relacionamentos, participando de comunidades virtuais e blogs – sobretudo protegidos pelo anonimato dos pseudônimos-, evidenciando a espetacularização da vida (tal qual nos acorda Deobord, “o espectáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens”<sup>37</sup>). Observa-se que conquanto a vida se parece cada vez mais se virtualizar, mais desencadeiam-se as fobias sociais, isto é, o medo de ser visto. Assim, a presença material é relegada, perde importância em detrimento da presença virtual, dentro da lógica caracterizada por políticas voltadas para o “ser acessado”, em outras palavras, a *second life* converte-se na *first life*.

---

<sup>36</sup> Objeto de estudo do sociólogo E. Durkheim.

<sup>37</sup> Guy Debord, no livro “A sociedade do espectáculo”, 1967.

Nas sociedades modernas vivemos o império das multimídias, do turbo consumo<sup>38</sup>, mas também o dos “multimedos” e das “turbofobias”. Temos medo de sermos nós mesmos e cairmos em vergonha por estarmos em desacordo com aquilo que preza a moral e os bons costumes, e com isso sermos estigmatizados; temos medo do diferente e do desconhecido, e por isso criamos pré-conceitos que instantaneamente se tornam preconceitos. Naturalizamos ocorrências absurdas, e achamo-nas triviais, como a corrupção das instituições políticas, a degradação da vida pelas relações capitalistas, a política de extermínio levada a cabo pelas polícias etc.



Pintura, de Eduardo Marinho<sup>39</sup>, feita em plena angústia de uma seqüência de operações policiais na Maré, na Coréia e no complexo do Alemão [comunidades do Rio de Janeiro/Brasil] que deixou dezenas de mortos e transformou em inferno a vida de centenas de milhares de pessoas. Fonte: Passa Palavra.

<sup>38</sup> Termo extraído do autor Gilles Lipovetsky.

<sup>39</sup> “Invasão de Favela”. Data não localizada.

Normalizamos aquilo que justamente deveríamos combater, ao passo que combatemos aquilo que deveríamos normalizar, tal qual a Carta da Declaração Universal dos Direitos Humanos<sup>40</sup>, intensamente bombardeada pela sociedade como um todo, tornando-se metonímia de “direito dos bandidos”. Numa matéria publicada no portal GloboOnLine<sup>41</sup> sobre um assalto a ônibus, o que se decorreu na seção de comentários dos leitores foi uma aula demonstração de incitação ao ódio, inclemência e credence, reinando uma legítima enxurrada de textos com menções preconceituosas a moradores de áreas carentes, constatado, por exemplo na postagem do leitor “Diáfano\_Gomes”: “Abaixo as favelas!!! Temos que reagir!!! Senão as favelas e os favelados vão nos engolir!!!!!!!”; “Mais um morador da Rocinha”, corroborou “Lubisomem02”; “Favelado”, continuou outro, e assim girou-se a círculo criminoso e estigmatizante contra o povo sofrido das regiões mais pobres. O leitor “Marcus0127” chegou a postar que “direitos humanos é lixo!!!!”. Felizmente, em meio a essa miséria de pensamentos elitistas e sem fundamento, é possível nos deparar com comentários – embora raríssimos – de leitores como “spacenaner”. Na ocasião declarou: “Tá ficando desanimador postar comentários no GLOBO. É incrível a quantidade de mensagens enviadas de ódio aos moradores das favelas. Isso só desmerece o jornal”.

E o que dizer quando constatamos que o medo nos levou a um conflito que perdurou por mais de quatro décadas: a Guerra-Fria, alicerçada em grande parte pelas difusões da mídia e sua inclinação a implantar uma “cultura do medo”. Na era do “equilíbrio do terror”, o medo de que o sistema econômico da superpotência rival lograsse conquistar o globo provocou uma inequívoca corrida armamentista e espacial, enterrando o mundo numa “paz armada”, na qual imperava o medo de um confronto bélico direto entre EUA e URSS, o que fatalmente levaria a vida humana à extinção.

Assim, constata-se que o medo empurra o homem à ignorância, ao barbarismo, ao reacionarismo, ao reducionismo, à generalização e à imobilidez. O medo faz com que ajamos por impulso, em ações emotivas<sup>42</sup>, sem que consideremos a racionalidade da situação, especialmente quando nos sentimos acuados. O medo nos leva a separar. Se outrora a segregação se dava por políticas como o apartheid, atualmente se dá pela

---

<sup>40</sup> Resolução aprovada pela Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas, em 1948.

<sup>41</sup> Matéria publicada no dia 21/05/2009, às 23h53m, sob o título “Bandido apanha ao assaltar ônibus com arma de brinquedo no Jardim Botânico”, assinada por Natanael Damasceno e G1.  
Link: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2009/05/21/bandido-apanha-ao-assaltar-onibus-com-arma-de-brinquedo-no-jardim-botanico-755975570.asp>

<sup>42</sup> Um dos tipos ideais de ação, proposto pelo sociólogo Max Weber.

arbitrária construção de muros que funcionam como verdadeiros cordões de isolamento ou barreiras humanitárias, como nas fronteiras entre Estados Unidos e México, Israel e os territórios palestinos, favela e asfalto, com a gritante versão carioca do “muro de Berlin” proposta pelo governador do estado do Rio de Janeiro, com o aval da prefeitura. Ou seja, a segregação passou principalmente do campo da raça, para o do status econômico, origem geográfica, fora a constituição físico-corporal.

Interessante é intuir que, mesmo com o passar de séculos, é possível localizar traços dos mesmos temores dos longínquos povos e gerações que nos antecederam. As gerações passam, os medos se modificam, porém, ainda assim, sentimos medo de perder a reputação, como os romanos – também comumente designada de respeitabilidade; continuamos receosos de sermos banidos do meio social, como os indivíduos da corte etc. Claro que, evidentemente, na era moderna, temos outros valores, e, por conseguinte, prezamos por interesses distintos aos que predominavam antanho, e, dessa forma, houve uma alteração na hierarquia do medo. Sim, ainda temos os medos dos povos do passado, entretanto, nossos principais medos, ou pelo menos dos indivíduos que vivem em sociedades ocidental-modernas (urbanas, industriais e capitalistas) são o de não dispor da independência econômica, ou no mínimo, de não ter com o que se sustentar financeiramente, acompanhado do temor de ser um despercebido - mais um anônimo na “multidão solitária”<sup>43</sup>, e a constante desconfiança oriunda da ausência de parâmetros. Como se não bastasse, a estes se seguem uma série de outras fobias – psicológicas e/ou neuróticas (Agorafobia, Antropofobia, Biofobia, Claustrofobia, Cronofobia, Fobia Social, Síndrome do Pânico, Tropofobia, Xenofobia...) etc.

Não obstante, se há um pavor em comum a todas as épocas e a todos os tipos de organizações sociais ao longo da História, é o de ser estigmatizado. É fato que qualquer que venha a ser o período histórico, qualquer que seja o tipo de organização dos indivíduos, nenhum ser humano se sentiu confortável e muito menos honrado ao lhe imputarem uma marca estigmatizante.

“Medo de encarar os fatos/ medo de tantos boatos/ de que o medo é uma prisão  
[...] Eu sinto medo de esperar por alguém que não vem,/ medo de não ser ninguém”,  
trecho da canção “Medo”, Símios.

---

<sup>43</sup> “A multidão solitária”, David Riesman.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. Turistas e vagabundos.

BOURDIEU, Pierre. A distinção - Crítica social do julgamento.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo.

DURKHEIM, Emile. As regras do método sociológico.

FEATHERSTONE, Mike. Moderno e pós-moderno: definições e interpretações.

GABLER, Neal. Vida, o filme.

GIDDENS, Anthony. As conseqüências da modernidade.

GOFFMAN, Erving. Estigma – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.

LIPOVETSKY, Gilles. Rumo a um turboconsumidor.

MARX, Karl e ENGELS. O manifesto do partido comunista.

NORBERT, Elis. “O processo civilizador” e “Os Estabelecidos e os *Outsiders*”.

SENNETT, Richard. O declínio do homem público – As tiranias da intimidade.

SIMMEL, Georg. O fenômeno urbano.

WEBER, Max. Economia e Sociedade.